

CORPO, VIRTUALIDADES E RETICÊNCIAS

Quando a arquitetura se acompanha de reticências, pode-se pensar que há uma certa indecisão no ar. O orador deixa a plateia em suspense. A internet mostra o pequeno ícone a girar e aguarda-se. As coisas deixam de ser fixas por um momento e, se não se perde a paciência, podemos colocar-nos disponíveis a preencher esse pequeno vazio, esse instante passageiro, com o sopro de uma ideia, de uma dúvida.

Mas as reticências nem sempre são breves. Alguma coisa ou ato pode ser colocado em suspensão por um longo período de tempo. E o que se traz neste artigo é, de fato, uma reticência ampliada, que nos modificou como pessoas, mas também modificou o nosso retorno para o campo da arquitetura e do urbanismo.

Em 2015, três grupos de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas foram incumbidos de realizar um levantamento sobre o patrimônio imaterial, dos 102 municípios do Estado: Estudo da Paisagem, Representações do Lugar e Nordestanças. Por que esta pesquisa, voltada para o patrimônio imaterial, diz respeito a arquitetos e urbanistas? Esse é o tema que será conversado a partir da experiência do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

CONHECER ALAGOAS PELAS ENTRA-NHAS

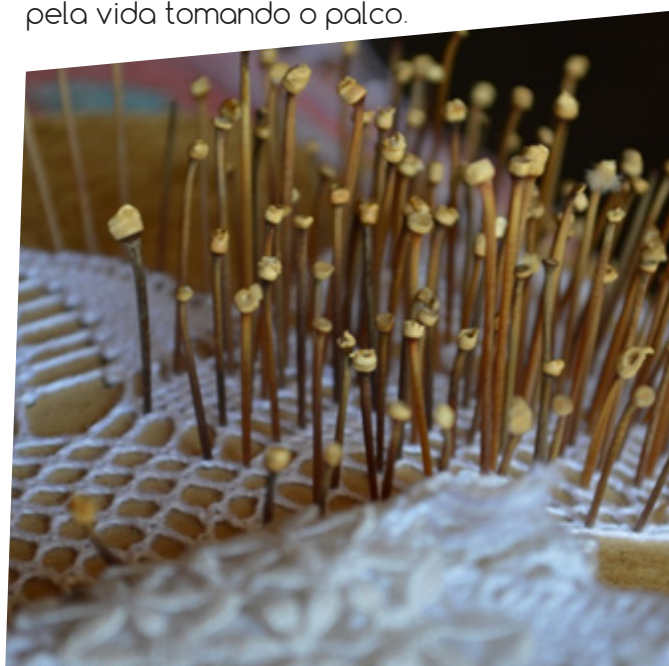
Vigiar cria expectativas. A meta era nova para todos: observar as cidades

a partir dos atos do cotidiano de seus moradores. As regiões seriam bem diversificadas. O litoral sul, o litoral norte, o vale do Mundaú, o vale do São Francisco, em Alagoas. O foco não estaria nos marcos arquitetônicos ou nos centros históricos. Iamos atrás dos atos, de celebrações, das pequenas festas, dos ofícios, dos saberes e histórias que se passam de boca a boca, usualmente, sem o marco da escrita.

Um estremecimento inicial já se anunciava: livros de lado, a erudição tradicional afastada e a sabedoria trazida pela vida tomando o palco.

Figura 01: Patrimônio imaterial em Alagoas: renda de bilro de Entremontes; reisado do Povoado do Bananal, Viçosa; banda de pífano no distrito de Piauí, Piranhas.

Fonte: Louise Cerqueira (acima) Flávia Correia (abaixo).



Aguardava-se que os grandes temas urbanos – violência, desigualdade – estariam lá. Que a miséria rondar-nos-ia. Cada vez mais afastados dos centros, longe do sinal do celular, perto de pessoas simples, descortinou-se, ao final, uma outra possibilidade de compreender a vida urbana e a arquitetura.

O resumo do percurso do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem é breve: 48 municípios visitados, 25 pessoas em campo, 40 viagens, 6545 quilômetros percorridos por terra, 250 quilômetros por barco, acesso a 700 referências culturais listadas, 1800 gigabytes de fotos e vídeos, 1800 páginas



de transcrições das entrevistas concedidas por 700 depoentes. Ou seja, lugares acessados essencialmente por pessoas. No regresso, a equipe buscava transformar as experiências, sensações e conhecimentos obtidos em campo em objetos que falassem sobre o vivido a partir da forma, das cores e das texturas.

Encontramos corpo e ambiente co-implicados de forma distinta do que em geral vemos na cidade grande. O ambiente é quase colado ao corpo e vice-versa.

Que perguntas esses lugares colocam-nos? Como passamos a nos ver?

O não perene, o vago, o resistível. O minimalista, trazido não por princípios conceituais, mas pela exiguidade do que está disponível. Em vez da novi-



dade, a reciclagem dos restos.

O tempo é o hoje, embora fertilizado por vários passados.

A singularidade não é, necessariamente, a meta. Há um núcleo afetivo compartilhado. Histórias e memórias, paisagens internas construídas de pedaços de vários outros.

O nosso dilema forma e função, que, por décadas, assombrou as escolas de arquitetura e o urbanismo, se existe, é de outro modo.

Os dicionários nos falam que função vem do latim *functus*, refere-se ao verbo fungor que significa interpretar, isto é, falar sobre o que se conhece. Aponta para a ação de levar a cabo uma incumbência. *Defunctus* é aquele que já não mais fala, já cumpriu seu papel de vivo. Portanto, funcionar refere-se não apenas a caber dentro de uma sala ou atender às demandas de iluminação e

Figura 02: Diários objetuais resultantes da viagem do Grupo pelo rio São Francisco em setembro de 2016.

Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

ventilação. Funcionar pode acolher outras perspectivas do vivido, buscando espaços dimensionados para inventar, sonhar, recondicionar hábitos e atitudes.

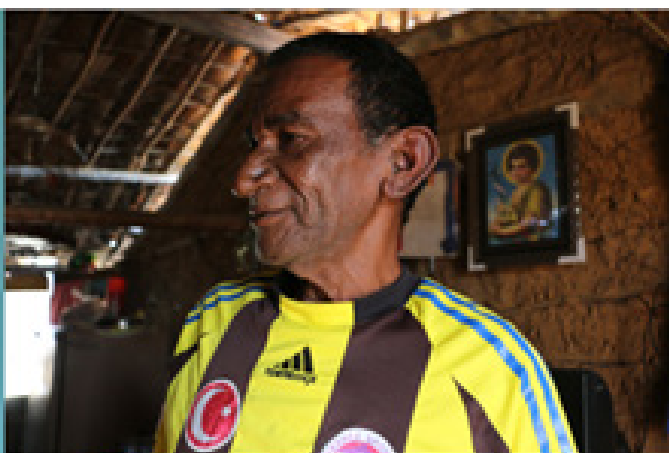
ERUDIÇÃO, CIBERNÉTICA E SIMPLICIDADE

“Sou um Tupi, tangendo um alaúde”, dizia Mário de Andrade, que por ser tão erudito, precisou se embrenhar nos matos. Suas descrições de cidade falam de lugares feiosos, de cidades mocinhas. Cidades pessoas.

lações humanas. A hospitalidade, o afeto, a vida solidária. Atributos que nem sempre negarão a violência, os vícios, e quase nunca evitarão a pobreza. Em tempos de desterritorialização e do ocaso do corpo orgânico, não há um lugar secundário para a percepção.

A palavra metrópole, em grego, junta mãe, ventre e cidade. Cidade mãe de outras cidades. Mas, na nossa experiência de campo, foram nas pequenas que os hábitos se mantiveram. E, em especial, no âmbito de suas casas deixan-

Figura 03:
Feições do campo...
Fonte: Flávia
Correia.



Em geral, são pobres as cidades do interior de Alagoas. Por vezes, são municípios na fímbria da experiência do rural. Revelaram, porém, aspectos do conviver urbano quase perdidos.... Os pequenos povoados, na periferia das já pequenas cidades, se ligam uns aos outros, pelos laços de família, de amizade ou rancor, construindo uma cultura urbana simples e profunda, colada na experiência e na tradição. Aprendeu-se, em campo, sobre as várias feições da convivialidade urbana. Quando se parte não da linha traçada, mas das re-

do muitas perguntas sobre os lugares e corpos que habitamos cercados de máquinas, de tecnologias de ponta e do excesso de variedade.

“O corpo ainda habita a casa ou será que a casa, desdobrada numa série de microdispositivos, habita agora o corpo? Ou será possível a casa como uma peça de vestuário, organizando o corpo do trajado, transformando o utilizador numa espécie de cyborg rudimentar, parte humano, parte caixa de ferramentas?” (Teyssot, 2010: 27).

O algoritmo é humano¹. Mas de que espécie de humanidade? Sugerimos fazer conversar a pequena e a grande cidade, que se divergem e se amparam. Mas também o mundo das mídias com o mundo do território e do lugar.

“Devemos perceber que todos os espaços são constructos e reais, inclusive nossos mundos digitais. O espaço virtual, como o vê Deleuze, não é uma possibilidade imprevista no projeto, a ser criada sob determinado enquadramento. Diz respeito a uma questão que abrirá um novo território ainda não mapeado.”
(Teyssot, 2010,317)

Na discussão do digital pode haver espaço para o território e a terra, sem os

tórios de forma intercambiável, sugere Teyssot. Risonhas, apontam futuros. Ao contrário, os lugares habitados, a morada dos velhos que visitamos durante a pesquisa, estão fixos e atravessam hoje, sem solenidade, o umbral do desaparecimento. Hábitos, práticas, lendas, modos de fazer, narrados por sorrisos desdentados, não são mais passados de pais para filhos. São mundos condenados. Quase fantasmas. E talvez nisso resida o seu fascínio. Lembra-nos do que perdemos ou fomos.

Frente ao mundo dos excessos, observa-se, no campo, um viver, nem sempre por vontade própria, com o mínimo, deixando-nos a pergunta sobre o sentido da transformação do mundo que nos é colocado “pelos pobres que habitam, produzem o espaço e fazem as denomina-



Figura 04: Trabalhos da FAU/UFAL (a) Exercício corporal em História da Arte, Arquitetura e Cidade 3. (b,c,d) Trabalho de Pensamento da Arquitetura Contemporânea, sob inspiração da obra de Frank Gehry, Zaha Hadid e Greg Lynn respectivamente, maio de 2016.
Fonte: Maria Angélica da Silva e Fábio Nogueira.

quais “perderemos as noções de gênero, sexualidade, diversidade étnica, distribuição desigual da renda, classe social” (Teyssot, 2010:318).

Os blobs de Lynn aportam mansamente em qualquer superfície da terra; as obras de Koolhaas, lidam com os terri-

das zonas opacas do mundo das cidades”. Do desconforto, “ocasionado pelo consumo não atendido, motivado pela abundância do outro” (Rizek, 2012 p.80).

E por fim, cabe lembrar a Natureza, quase indistinta daqueles corpos, mas

1. Argumento expresso durante a defesa da dissertação de Fábio Nogueira, intitulada “Entre algoritmos e afetos: a arquitetura, o espaço e o digital”, DEHA/FAU/UFAL, em 30 de maio de 2016

também, definitivamente, exaurida pelas demandas que vêm de longe, das metrópoles, antigas mães... Locais onde foram impostas tantas barreiras entre o corpo e os lugares. Chão compactado em inúmeras camadas de asfalto, onde as pequenas plantas, quando surgem do trincado da calçada, nos parecem-nos anômalas.

Nas viagens, acordávamos com o som dos passarinhos. Mas, rapidamente, tomávamos os carros, que os calavam. Reticências deixadas ao ar...



Figura 05: Frame do vídeo "Poros", produzido por Louise Cerqueira, Ana Karolina Corado e Karina Tenório, sobre as paisagens acessadas em viagem pelo Rio São Francisco. **Fonte:** Acervo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

.....

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. O turista aprendiz. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

GRAAFLAND, Arie. "Sobre a criticalidade". In SYKES, A, Krista (Org). O campo ampliado da arquitetura. São Paulo: Cosacnaify, 2013, p. 302-320.
RAPPOLT, Mark. Greg Lynn form. Nova Iorque, Rizzoli, 2008.

RIZEK, Cibele Saliba. "Discutindo cidades e tempos". In Redobra n. 9, ano 3. Salvador: UFBA, 2012, p. 72-82.

TEYSSOT, Georges. Da teoria de arquitectura: doze ensaios. Coimbra: Edições 70, 2010.